



Chrys Chrystello\*

## O que é a Lusofonia - Parte 6 (II)

### 20 anos de colóquios de 2002 - 2022

#### Macau sempre renovado

Deixei Macau em 1982 após seis anos na modorra ocidentalizada, entorpecida pela opiácea sonolência dos que ali viviam, sem rumo nem guia por parte da inócua administração portuguesa. Vim encontrar a cidade e ilhas pujantes de vitalidade, na voragem de progresso que se não compadece com o lento reviver de memórias passadas, mas as respeita e preserva para obter mais-valias e benfeitorias. A cidade fervilha de gente e atividade, incapaz de parar e se deleitar com glórias passadas e monumentos, na nova realidade de um país e dois sistemas, preservando muitos dos antigos encantos e acrescentando os traços inelutáveis da modernidade dos 30 casinos, motor e combustível de novas quimeras. Aqui, tem-se a sensação de que querer é poder.

*Quer na reconquista de terrenos ao Delta do Rio das Pérolas, que já duplicou a área do território, quer na busca incessante por atrações que lhe permitam ser a mais moderna e a mais antiga cidade na Ásia, Macau é a única que respeita a herança arquitetónica ocidental.*

A hospitalidade e a gentileza das gentes desvaneceram todos, encantando e tornando irrepetível o 15º Colóquio, desde os banquetes aos pequenos detalhes e atitudes pensadas na minúcia, como só as mentes orientais conseguem. Nada foi deixado ao improvisado e tudo funcionou num rigor e pontualidade de fazer corar os britânicos. Em todos ficou a mágoa da falta de tempo para ver mais. Muitos voltarão para continuar a eterna aprendizagem. Isto apesar de não se terem acostumado a olhar para o lado correto da estrada nas passadeiras onde tinham de se precaver do ininterrupto trânsito (guia-se do “outro lado” em relação a Portugal).

*Por vezes recebavam comidas que estranhavam, inacostumados a tentar o que é novo e desconhecido, preocupados em dominar a maestria dos pauzinhos sem perder os piteus e iguarias que se sucediam a ritmo alucinante. Os Colóquios sempre primaram pela facilidade com que tornam desconhecidos em amigos e colegas e desta vez não foi exceção, criando-se pontes entre culturas, levando a que ateus visitassem compungidamente templos budistas, taoístas e outros, na busca incessante de respostas a questões fundamentais.*

Gostava de responder à Ana Dias, colega da TDM/RTP/LUSA que perguntou sobre o turbilhão de emoções que sentia, mas não pude nem sei. Uma controversa mistura de sensações, cores e dores. A emoção descontrolada de voltar aonde se não pensou, rever pessoas nunca esquecidas, afastadas pela lonjura, visitar passados, viver presentes, sonhar futuros, podia ser a

resposta, mas nem estou certo de que o seja.

*Propôs-se à TDM (e outros) a realização de um documentário histórico sobre açorianos em Macau (ex.º D. Jaime Garcia Goulart, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. Arquimínio da Costa, D. José da Costa Nunes, D. José V. Albernaz, D. Manuel Bernardo Sousa Enes, D. Paulo J. Tavares, José Machado Lourenço, Prof. Silveira Machado. (Nota: o projeto não obteve apoio local mas arrancou em papel nos Colóquios graças à persistência de Raul Gaião e de Monsenhor Ximenes Belo e daria lugar a dois livros).*

Criei vontade de voltar, viver a terra onde estive seis anos e arqueei no ficheiro perdido das memórias. Recuperar lembranças e criar referências futuras partilhadas com a mulher e filho mais novo. Lastimar as ruínas do (hoje decrépito) Hotel Estoril onde estive aboletado os primeiros meses da minha estada (em 2020, o anterior plano de recuperação foi abandonado sendo destinado a Biblioteca Central), apreciar as lagoas artificiais na Praia Grande em frente ao apartamento onde vivi 4 anos, hoje um prédio pequeno no meio de enormes arranha-céus.

*Perder-me na vila de Coloane, parada no tempo e nos templos, onde um grupo de jovens chinesas fazia poses em frente à montra da pastelaria dos Pastéis de Nata. Não visitei os casinos que desses as memórias são nefastas, mas revisitaria os prédios ora recuperados, pintados e revitalizados que os portugueses deixaram na incúria e desleixo de ocupantes ingratos da península. Havia de percorrer o Circuito da Guia em novo formato e remodelado lembrando as reportagens que lá fiz e os aceleramentos diários. Veria as ilhas em busca de lugares perdidos, reencontrar amigos na Macau que ficou gravada na memória dos que nos acompanharam.*

*Em 2011 foi a redescoberta da terra que mudara a soberania, nominalmente portuguesa para a pátria chinesa, mas mantinha autonomia, tornando-se nova Las Vegas. Com mais de 30 casinos, em vez de 4 ou 5, faturava três vezes mais do que a congénere no Arizona. A palavra de ordem era progresso, desenvolvimento, pontes, prédios, estradas, tecnologias de ponta e a preservação da língua portuguesa que tão descurada fora em mais de 450 anos de administração portuguesa. A preservação da língua foi um bônus económico com o intuito de implantação chinesa na África e Brasil. Vinha longe a inauguração da ponte HK - Macau, 55 km, inaugurada em 2018. E em 2022 um casal amigo deixava Macau, de vez, dizendo cripticamente “o ar está irrespirável”.*

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713



autoNext24

facebook/AutoNext24  
por: Ricardo Martins

## PARABÉNS MERCEDES 190 UM CLÁSSICO QUARENTÃO

Foi desenvolvido como uma alternativa mais compacta à gama do início dos anos 80, sendo que os “pequenos” 190 ainda hoje circulam nas estradas europeias e mantêm um desenho atual.

No final do ano 1982, precisamente no dia 8 de dezembro, a Mercedes-Benz apresentou a sua nova gama de modelos, posicionados abaixo dos dois principais segmentos já existentes. O W201, que conhecemos melhor como o Mercedes-Benz 190, definiram novos



padrões de mercado e ainda hoje se mantêm em circulação, sendo um clássico com alguma procura.

No início da sua comercialização, estavam disponíveis apenas duas versões a gasolina, equipadas com um motor 2.0 de quatro cilindros – um 190 com motor de carburador e 90 cavalos de potência e um 190 E com injeção de combustível e 122 cavalos – mas logo no ano seguinte surgiu a versão 190 D, com um motor Diesel de 72 cavalos que incluía um sistema capaz de filtrar alguns dos ruídos



emitidos por esta motorização.

Um ano mais tarde, em 1984, foi apresentada a opção mais desportiva de 16 válvulas, o 190 E 2.3-16, que ficou bastante conhecido pela sua presença no campeonato alemão de turismo, o German Touring Car Championship (DTM). Esteve em comercialização até ao início dos anos 90 e a versão mais evoluída era o 190 E 2.5-16 Evolution II, um



modelo de homologação para as opções de competição e que se destacava pela enorme asa traseira.

Em maio de 1993, seria encerrada a história do Mercedes-Benz 190, uma que o W202, o seu sucessor, já teria outra designação e que se prolonga até hoje, o Classe C, atualmente na geração W206.



Soraia Mendonça\*

## O Natal e outras histórias



Se há “dias lembrados” ao longo do ano, o Natal é o rei deles. Celebra-se a partilha, a união, a solidariedade, a compaixão, a família, ou seja, alguns dos valores mais nobres que existem. Por onde se vá, olhe, ouça, há algo que faz recordar... Mas o que para muitos é uma comemoração prazerosa, para muitos outros é o (re)abrir de feridas profundas. daquelas que não se vêem, mas que se sentem. daquelas que, quando se tenta ignorar, gritam com mais pujança, até que finalmente lhes dêem a atenção merecida. Pois enquanto há festa na rua, no consultório de Psicologia há um aumento exponencial de casos. São pessoas com histórias para contar que não se coadunam com a alegria do Natal. Pessoas a quem o Natal traz memórias que não se querem ter e que doem lá fundo, onde não se consegue tocar com as mãos. Os detalhes são diversos, mas a dor tem algo em comum: a desconexão em relação a outros seres humanos, muitas vezes aqueles que eram os mais importantes para a sobrevivência física e emocional, aqueles de quem se dependia totalmente e,

por algum motivo, não conseguiram corresponder. Para essas pessoas, o Natal tem significados que divergem muito daquilo que é apregoado. E isso aumenta ainda mais o sentimento de solidão; de estar sozinho entre as pessoas; a percepção de que se é o único a sentir-se dessa forma. Quero que retenha isto: não está sozinho. Nem sequer na solidão está sozinho. E não faz mal sentir-se assim. É totalmente compreensível. É difícil. Dói. Muito. Essa dor tem uma mensagem para lhe transmitir. Está na hora de dar atenção a essas feridas. Elas precisam do seu cuidado. E é bastante provável que precisem do cuidado de mais alguém. Um psicólogo está lá para isso. Para estar e ser consigo, em relação. Não está sozinho.

Fique bem, pela sua saúde e a de todos os Açorianos!

Um conselho da Delegação Regional dos Açores da Ordem dos Psicólogos Portugueses.

\*Psicóloga Clínica e da Saúde